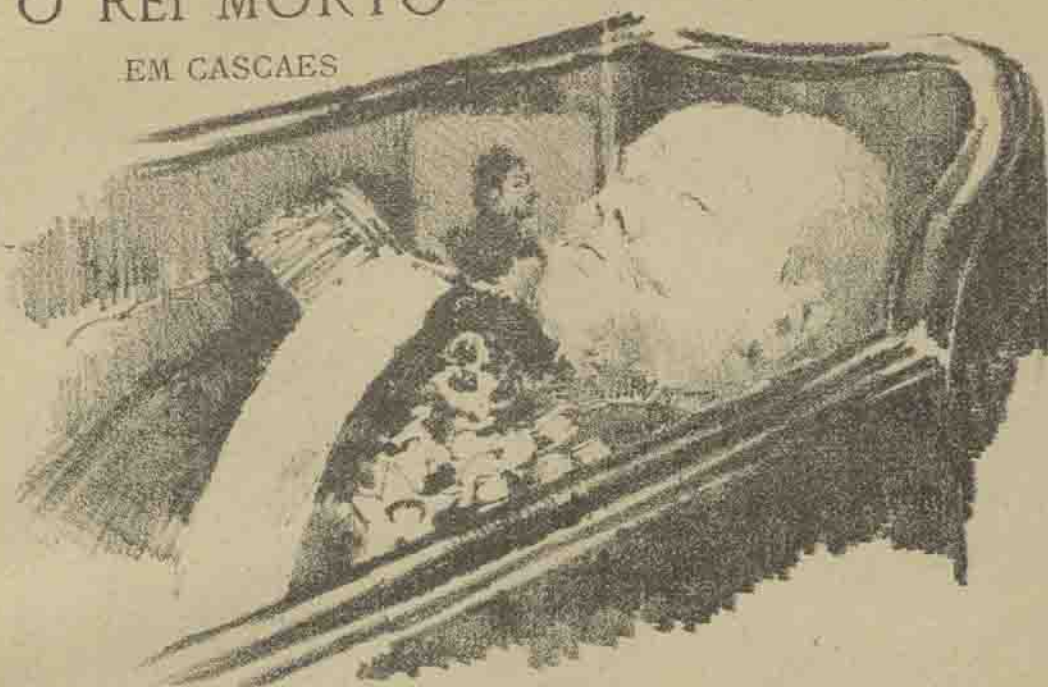
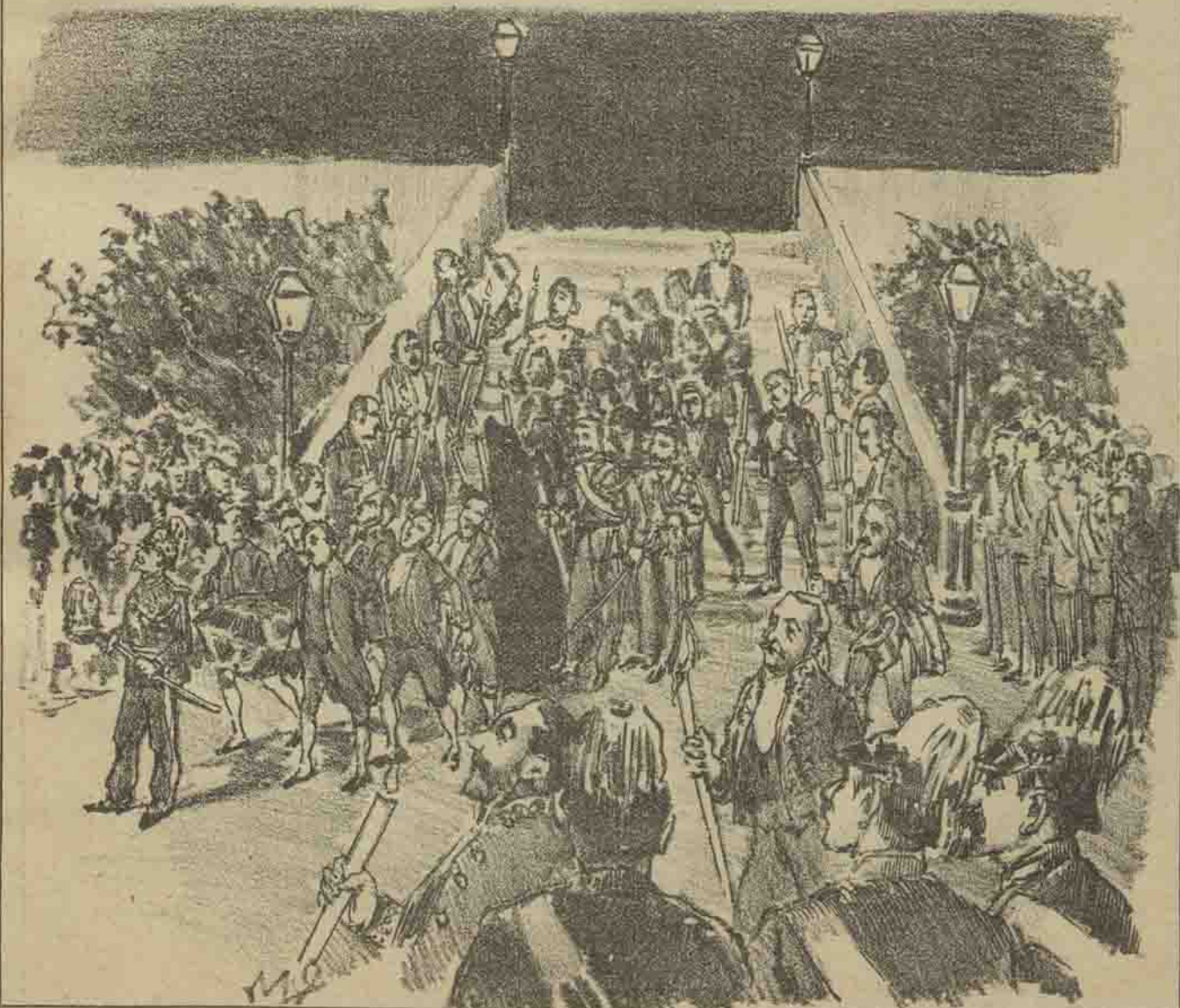


O REI MORTO

EM CASCAES



O PRESTITO SAHINDO DA CIDADELLA





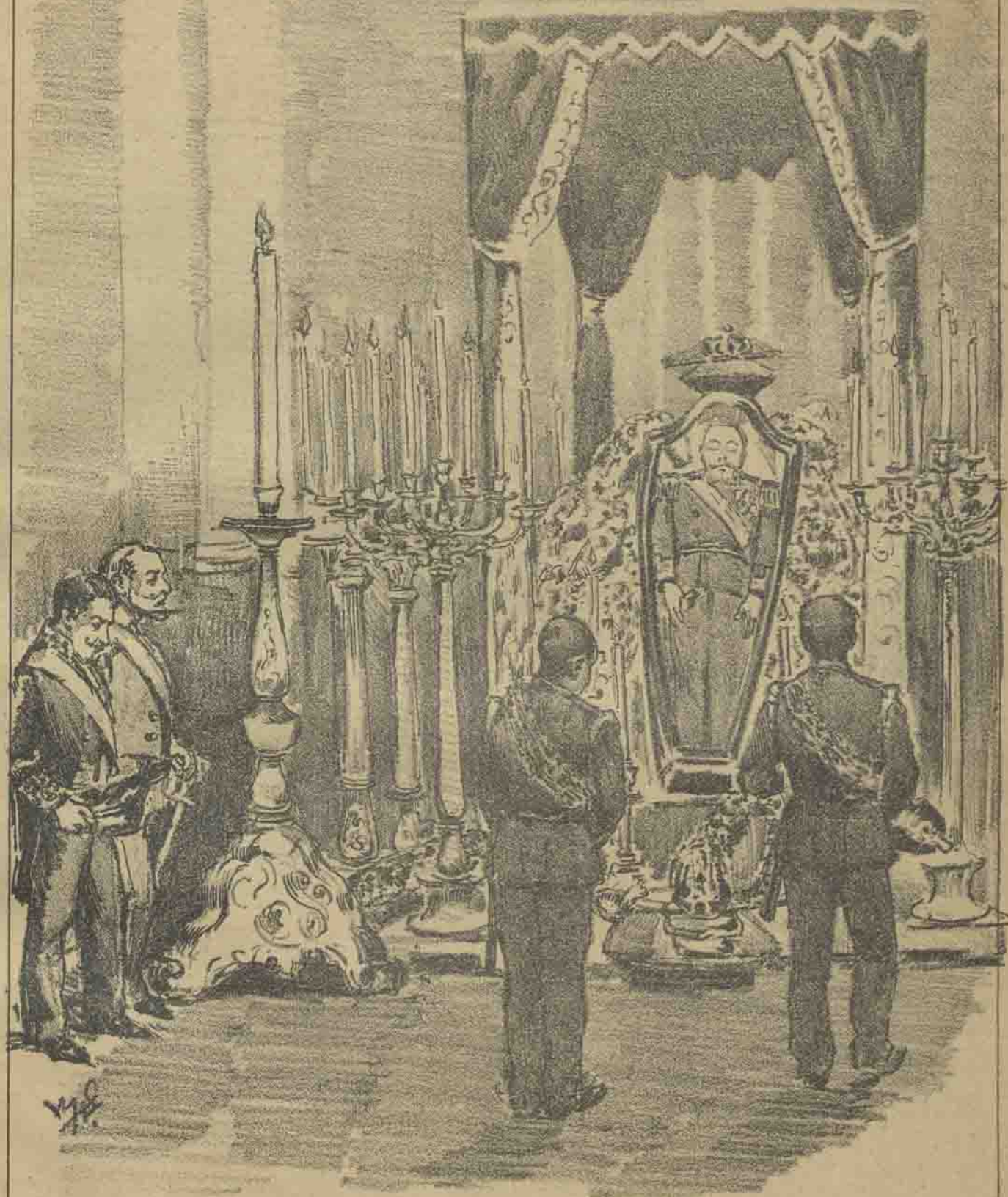
Paricaes 1841

Fac-simile d'uma aguarella original de D. Luiz

(Pertence ao sr. conde de Villa Nova da Cerveira)

pl. t

NOS JERONYMOS



A CAMARA ARDENTE



O REI D. LUIZ I

(D'uma photographia de Bobone)

RAINHA VIUVA E SEU NETO



NOTAS A LAPIS

Encima o nosso artigo o retrato da rainha que foi e o do rei que hade ser; a realisa de hontem e a realisa de amanhã; uma princesa que se affasta do throno, um principe que ascende a elle.

No acatamento da etiqueta palaciana, hontem seria o principe que teria de pedir permissão para entrar nos aposentos da rainha, amanhã poderá ser ella quem haja de solicitar uma audiencia do monarcha!

Muito curiosa, na verdade, essa etiqueta que tende a desunir corações amantes, a que os affectos naturaes deram a união suavisima da ternura, e se apagam, e se estreitam, e se enleiam, qual a nossa gravura os representa, tocando-se e acarinhando-se meigamente, como duas flores nascidas da mesma haste, alimentadas da mesma seiva, acariciadas do mesmo orvalho, que se amparam uma á outra—elle, botão inda falta de vigor—ella, flor que começa a extenuar-se, mostrando já na fimbria de cada folha o tom amarellecido do ultimo desabrochar.



Desumana etiqueta, que costringe uma pobre mulher a exclamar no momento em que lhe morre o marido: «o rei morreu, viva o rei!» e a afogar n'uma coragem mentida essa dor enorme que nem ondas de lagrimas chegam ás vezes a afogar!

CrUEL etiqueta, que nega a um cadaver o immediato descanso a que os mortos tem direito, para andar com elle em bolandas durante uma semana, metido em oito palmos de mogno envidraçado, á laia de Venus de cera do museu da Avenida, exposto á curiosidade que não á piedade d'um publico que se acotovella para o ver e e sae cá para fóra lestimando e maldizendo, não a perda do rei, mas a perda do lenço de assoar que lhe levaram no tumulto; sentindo e desabafando, não a dor que lhe transmite a dor d'uma familia, mas a dor que apanhou no reboliço quando lhe pisaram o calo grande!

Foi captivo e sugado d'esse polvo gigante, que se chama a etiqueta, que viveu e morreu o pobre D. Luiz!

Espirito illustrado, musico, versojador, escriptor, caricaturista, elle havia necessariamente de sentir agitar-se em si a fibra irrequieta e ardente da bohemia, que é a vida dos artistas, que é a alma dos poetas.

Mas a etiqueta, esse beleguim dos principes e dos reis, andava sempre ao lado d'elle, de contra-fé em punho, a intimar-lhe auctoritariamente o respeito das conveniencias, conveniencias que não lhe permittiam ser musico, versojador, escriptor, caricaturista, para aquem dos paredões enormes dos seus regios aposentos.

E, assim, as notas do seu violoncello não atravessaram nunca os reposteiros da sua alcova; as estrophes do seu estro não conquistaram sequer o direito da publicidade de que se gabam os versos de pé quebrado raios gemeos do cravo e do mingerico; as suas tragedias não fizeram nos palcos dos theatros o exito ou o fiasco a que tem direito o producto de qualquer escrevinhador da barraca dos Dallois; as suas caricaturas, os seus esboços, as suas paisagens não tiveram ao menos a gloria de reproducção em duzentos exemplares, gloria que assiste a qualquer boneco que vae para a posteridade com escala pelo Almanach de gargalhadas!



Musico, teve apenas a apreciar-lhe a correccção das suas execuções uma meia duzia de *delittanti* de convenção, especie de publico burocrata, de auditorio de manga de alpaca, que lhe escutava os trechos, de sorriso benevolo sempre apara' usado aos labios e cabeça em oscillações de assentimento applauditivo, com corda para tantas horas quantas durasse o reportorio regio musical.

Poeta, nunca a sua vaidade experimentou o prazer enorme, indefinivel, de encontrar aqui ou ali, este ou aquelle, um desconhecido qualquer, a lêr-lhe os versos e a sorrir de ler-lh'os; nunca a sua alma soube o que fosse a ventura estranha de apanhar em flagrante um applauso anonymo, que é o que mais lisongeia,

porque é o mais sincero, que é o que mais nos faz por isso mesmo que não nol-o apontavam!

Escriptor, nunca o seu coração palpitou d'uma anxiedade brusca aos ultimos accordes da symphonia de abertura, quando o pau de bocca começa a agitar-se para subir o a peça vai ser julgada por esse juiz tremendo e caprichoso que se chama—o publico; e nunca, tambem, o seu espirito se evolou na mais acariiciadora das delicias, vendo esse publico erguido em massa a encarcerar-lhe o trabalho e a victoriar-lhe o talento, n'uma salva estrondante de applausos entusiasticos.

Caricaturista, as suas caricaturas tinham apenas a virtude de lisongear a victima, quando o aggrava—e que podia constituir gosto para o regio caricaturista.

Como daria ter vivido enfiado, o pobre rei que depois de morto cobriram de flores!

Viver coberto de enfado real ao para morrer enfiado de flores artificiaes, foi honra o destino de D. Luis, como é hoje o de D. Carlos, como será ainda o d'aquella pequena esboita loira que se encosta meigamente a face pallida da avo.

—O tempo vai tão depressa!

A vida é si que mal s'ou
A vida é nuvem que voo
A vida, penna cahida,
Das azas de ave ferida,
De vale am vale impellido
A vida, o vento, levou-a.

EM S. VICENTE



A TRIBUNA DO CORPO DIPLOMATICO

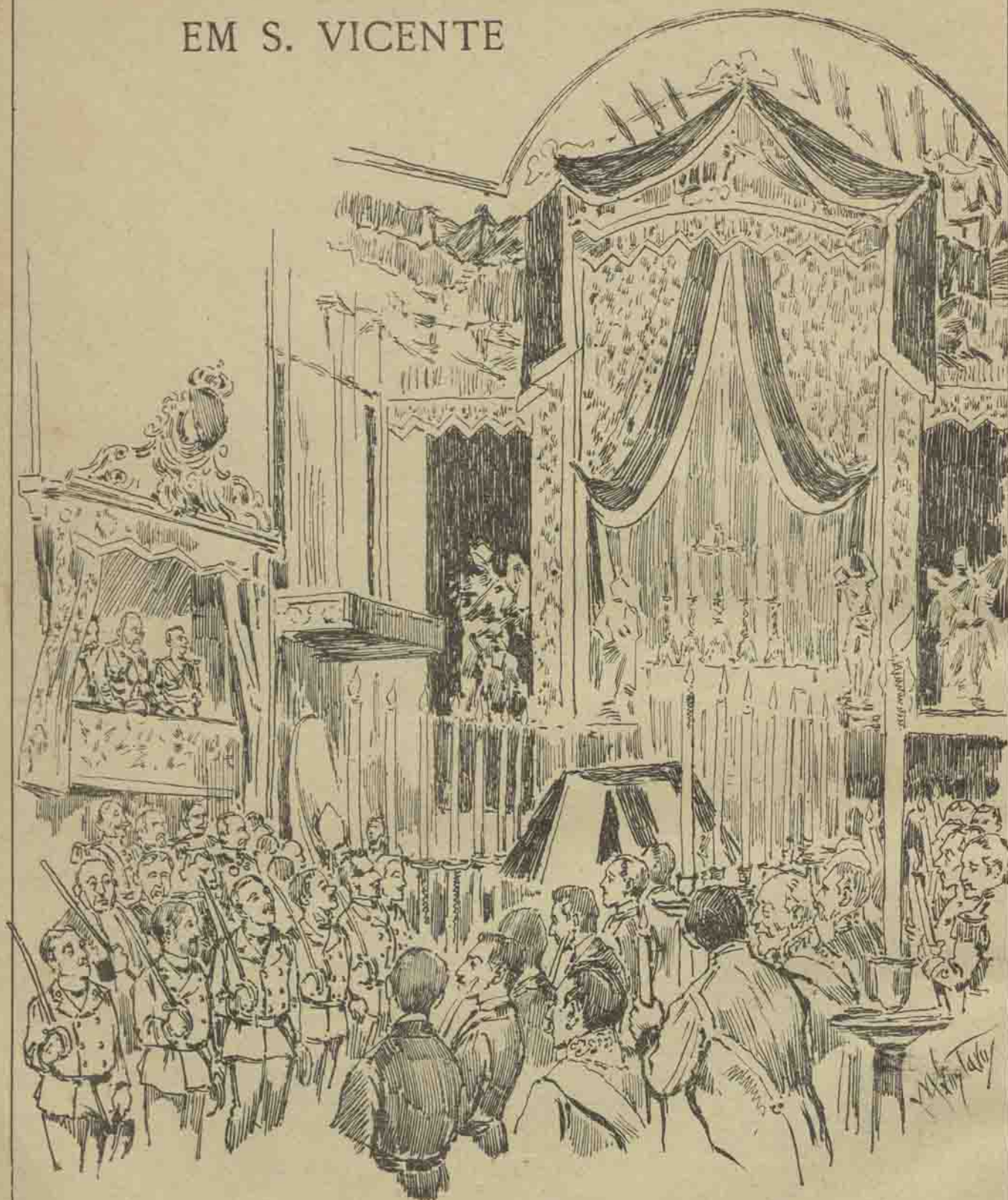


O glorioso patrão Joaquim Lopes, que mal se pôde arrastar, foi introduzido em S. Vicente nos braços de dois policias, como se fosse o José da Carolina caminho do governo civil.

Accode perguntar para que demonio servem os condes introductores. Está visto que para não introduzirem coisa nenhuma.

A' saída, ao menos, o benemerito velho encostou-se a dois bravos officiaes da nossa armada. E' o caso de dizer que, se perdeu a entrada, em compensação muito lucrrou á saída...

EM S. VICENTE

O CRUZEIRO DURANTE O *LIBERAME*